

Ruy do Carmo Póvoas

DA PORTEIRA PARA FORA

mundo de preto em terra de branco

Edição comemorativa dos dez anos de atuação do Káwé



Editora da UESC

DA PORTEIRA PARA FORA

mundo de preto em terra de branco



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Elis Cristina Fiamengue

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Lourice Hage Salume Lessa

Lourival Pereira Júnior

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Paulo dos Santos Terra

Ricardo Matos Santana

Ruy do Carmo Póvoas

DA PORTEIRA PARA FORA mundo de preto em terra de branco

Edição comemorativa dos dez anos de atuação do Kàwé.

Reimpressão da 1ª edição

Ilhéus - BA
2011


Editora da UESC

©2007 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
http://www.uesc.br/editora e-mail: editus@uesc.br

1ª edição 2007
Reimpressão 2011

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Adriano Lemos

FOTO DA CAPA

(crianças na porteira, 1993)

Susy Mei Truzzi

REVISÃO

Maria Luiza Nora

Aline Nascimento

EQUIPE EDITUS

Direção de Política Editorial: Jorge Moreno; **Revisão:** Maria Luiza Nora,
Aline Nascimento; **Coord. de Diagramação:** Adriano Lemos; **Designer**
Gráfico: Alencar Júnior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Póvoas, Ruy do Carmo.

Da porteira para fora : mundo de preto em terra de branco / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus : Editus, 2007.

482p.

ISBN: 978-857455-130-2

Inclui glossário e bibliografia.

Edição comemorativa dos dez anos de atuação do Kawé.

1. Religiões – Bahia, Sul. 2. Candomblé – Bahia. 3. Gestão do conhecimento. I. Título.

CDD- 299.673

O KÀWÉ — Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais é um espaço que existe desde 1996, com o objetivo de construir conhecimentos sobre a problemática do negro na área de influência da UESC e aproximar a universidade/comunidades afro-descendentes, para romper a dicotomia avassaladora entre diferentes segmentos socioculturais.

Para isso, o Núcleo desenvolve suas atividades através de várias ações que se materializam na criação de pesquisas, eventos, cursos, oficinas, seminários, aulas-abertas, palestras, encontros, exposições, que permitem abordar as questões almejadas.

As atividades do KÀWÉ geram um conhecimento que possibilita produtos diversos e diversificados, a exemplo de acervo fotográfico, de fitas gravadas, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além de publicação de livros, cadernos e duas revistas: a Revista Kàwé e a Revista Kàwé Pesquisa.

Coordenação:

Ruy do Carmo Póvoas

Pesquisadores:

Ruy do Carmo Póvoas
Marialda Jovita Silveira
Maria Consuelo O. Santos

Projeto de Pesquisa:

As relações sociais e políticas do negro no Sul da Bahia

Linha de Pesquisa:

Religiosidade e poder

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KÀWÉ
3.º andar da Torre Administrativa, rodovia Ilhéus–Itabuna, km 16
Ilhéus, Bahia - 45662-000. Fone: (73) 3680-5157
e-mail: kaw@uesc.br

À memória de
Mãe Inês,
a negra que veio da África,
e de
Otávio Portella Póvoas,
o branco que domou as terras
do Braço do Norte.

Ao ponderar como retratar a experiência histórica e atual dos descendentes de africanos numa história que transcendesse a vitimação e a negação, eu me perguntei: “Se uma só pessoa tivesse vivido todas essas experiências, como eu descreveria sua vida pessoal?”

Clyde W. Ford

Acredito que algumas pessoas que escrevem, um dia oferecem ao mundo um livro que é o livro, a obra, aquele que uma série de circunstâncias contribuiu para torná-lo assim, fazendo daquela publicação a grande referência em relação àquele autor e àquele tema.

Isto acontece por uma série de razões: porque aqueles temas deveriam ter sido e foram abordados na época certa; porque houve paciência para esperar por essa gestação; e houve sabedoria para abordar tais assuntos – assuntos que vêm da cognição, da experiência e, por isso, são capazes de mobilizar emocionalmente num nível tão forte.

Estou falando do professor titular da Universidade Estadual de Santa Cruz e babalorixá do Ilê Axé Ijexá, Ruy do Carmo Póvoas.

Estou falando do autor de seis livros (*Vocabulário da Paixão*, *A linguagem do candomblé*: níveis sociolingüísticos da integração afro-portuguesa, *Itan dos mais velhos* (contos), *A fala do santo, verso Reverso* e *Itan*: de boca a ouvido) e de inúmeros artigos, incontáveis poesias. Estou falando do coordenador do Kawé – Núcleo de Estudos Afro-Baiano Regionais, que tanto tem produzido sobre a cultura negra,

afro-descendente, e isto muito antes desse assunto estar em voga. Há dez anos o Kawé existe, e por isso estão de parabéns seus pesquisadores e a própria UESC, que perceberam antes a importância do tema e a necessidade de estudá-lo. E o fizeram com profundidade, com originalidade.

Estou falando de um babalorixá que está à frente de uma comunidade religiosa que conta com um número considerável de adeptos. E esta comunidade é um exemplo de vida solidária, de interesse e respeito pela sua própria cultura e pela cultura de outros. E é um exemplo de seriedade e de capacidade de cultivar a beleza dos rituais de sua religião.

E estou falando de *Da porteira para fora*: mundo de preto em terra de branco. Creio que quem for estudar cultura negra, afro-descendente, deverá passar por estes estudos que o professor Ruy nos oferece. São muitos os temas abordados, todos voltados para a mesma temática: a vivência em dois universos tão próximos, fisicamente, geograficamente, e tão distantes socialmente, o de origem portuguesa e o de origem africana; os arquétipos e as figuras arquetípicas que nos constroem e nos destroem; a vida nos terreiros de candomblé; o sentimento de vitimação que tentam impor através de certas experiências de desvalor; o respeito aos mais velhos, próprio do povo de santo; o jogo de ifá e sua complexidade enorme; o significado da dança para o adepto, e sua exuberância, sua entrega, sua compreensão tão mais ampla do que e de quem envolve o dançar; os tipos de escravidão ainda hoje enfrentados; as relações entre as pessoas; a assunção, ou não, de sua condição etnográfica. E todos escritos com a elegância e a sensibilidade que são próprias do autor. E com a sua sabedoria. Ruy é um homem sábio. E sabe escrever. Os leitores estão de parabéns por poderem ter em mãos este livro.

O professor Ruy afirma: “Se o que aqui deixo registrado vai ganhar o estatuto do tempo, só aos leitores do futuro compete averiguar.” Mas eu, leitora de hoje, mas com idade para me permitir algumas incursões no futuro, e com a experiência de 12 anos de editoração, ousou fazer um prognóstico: *Da porteira para fora*: mundo de preto em terra de branco atravessará o tempo, Ruy, e fará isso abrindo portas, portões, porteiras e aproximando pessoas, tocando-lhes a sensibilidade e contribuindo para que arestas tão absurdas sejam aparadas e o que realmente vale, a convivência pacífica, o respeito às diferenças, a possibilidade de aprender com o outro, possa prevalecer. E possa nos redimir e nos salvar. Por tudo isso esse livro veio para ficar.

Maria Luiza Nora
Diretora da Editus

Sumário

DA PORTEIRA PARA FORA	19
AS IALORIXÁS E AS CIDADES	39
1. Mãe Mariinha: a negra senhora da luz.....	41
2. Mãe Malungo Monaco: a mãe do Pontal.....	45
3. Mãe Pedrina: a grande nengua de Angola.....	50
4. Mãe Ilza: a mãe do Dilazenze	54
DA FALA PARA A ESCRITA	71
5. O banquete do rei	73
6. A linguagem de afro-descendentes em Sósigenes Costa.....	76
7. Jorge Amado: ficcionista, Ogã e Obá	84
8. O conto africano-brasileiro.....	104
9. Raízes do conto infantil brasileiro: mitos e lendas africanas	108
10. Retomemos.....	125
REZAR DANÇANDO	133
11. Da senzala ao terreiro: dançar para o orixá, dançar o mundo, dançar a vida.....	136
A FALA DO ORIXÁ.....	151
12. <i>Itan</i> : histórias do sistema oracular jeje-nagô.....	154
13. O oráculo africano no Brasil: uma contribuição histórica ...	161
14. O silêncio nos orixás	174
ORIXÁ DE PRETO E SANTO DE BRANCO	189
15. Arquétipos nagô e domínios da vida.....	192

16. O dono do <i>ori</i>	200
17. Orixá: herança africana, preservada no Brasil.....	203
18. Iemanjá, o arquétipo da Grande-Mãe: uma construção do imaginário brasileiro.....	213
19. O <i>Ilê</i> de Oxum Abalô: a fala da memória e a voz do coração.	221

SIGNIFICANTES BRANCOS E SIGNIFICADOS NEGROS 227

20. Filosofia nagô.....	230
21. Medo de Exu	241
22. Quem tem medo de feitiço?	245
23. O conceito de axé.....	248
24. Axé: herança, memória e tradição.....	252
25. Antiguidade é posto	262
26. De dentro do quarto	269

A MÚSICA: DE DENTRO PARA FORA DO TERREIRO..... 305

27. <i>Okan awa</i> : carta à Inaicyrá	308
----------------------------------------------	-----

DIFERENTES E DIVERSOS..... 313

28. A tradição afro-brasileira: sincretismo ou ecumenismo?	317
29. Presença do negro na cultura ilheense.....	324
30. O negro na cultura brasileira	335
31. A palavra: da mata do Camacã para a academia.....	343

ESCOLA DE BRANCO, SABER DE NEGRO 365

32. Educação, universidade e consciência da cultura corporal... 368	
33. A Lei 10.639/2003	371
34. A escola e a história: questões étnicas e éticas.....	386
35. Comunalidade e estado de direito	391

36. A prática religiosa dos terreiros: sacrifício e manejo de animais silvestres.....	397
37. Ouvir as queixas e ensinar remédio.....	419
38. Ato ecumênico: felizes os que promovem a paz.....	427
PARA TERMINAR: A SENZALA, O TERREIRO, A ESCOLA	431
GLOSSÁRIO	453
BIBLIOGRAFIA	463

Na verdade, eu tinha uma vantagem no que pretendia fazer: a visão "desde dentro", em mim, já estava construída, pois desde sempre tenho vivido minha existência no terreiro. Outra coisa: eu queria mesmo "fincar o pé" na porteira do Ilê Axé Ijexá e esparramar o meu olhar para fora, nas ondas do meu pensamento, sentimento, intuição e sensação. É claro que a Razão se constitui ferramenta afiadíssima para a construção do conhecimento. Eu, no entanto, precisava ir mais além. Daí, seria necessário perpassar os quatro Elementos, os quatro Arquétipos (Fogo, Ar, Terra e Água), enquanto eu vislumbrasse o mundo de preto em terra de branco, cenário descortinado diante de quem, às portas do Ilê Axé Ijexá, derrame o olhar sobre Itabuna. Foi justamente o que eu fiz: olhei o mundo "da porteira para fora". Ao fazer isso, no entanto, utilizei os cinco canais do corpo, o espaço e a lateralidade, pois era necessário que a expressão abarcasse a iniciação, o ritual, o sentimento de troca e a vivência da comunalidade.

